EM QUE CONTRIBUIRIA O ESTUDO DO LATIM NA APRECIACÃO DO SINTAGMA LOCUCIONAL E SUBORACIONAL PORTUGUESES?

Amós Coêlho da Silva
(UERJ / ABRAFIL)

1 – INTRODUÇÃO

Nesta breve apreciação, pretendemos trazer à tona uma das dificuldades da aprendizagem do latim, dando continuidade ao artigo anterior, que era sobre sintagma lexical: latim-português ou português-latim.

O Prof. Antenor Nascentes fez a seguinte observação sobre regência verbal: *Embora se tenha desenvolvido com o analitismo românico, a regência já se vinha paulatinamente preparando desde o sintetismo latino. E mais adiante: O sintetismo latino não era absoluto.* (1967: 9) Outros, inclusive o Prof. Mattoso Câmara *in alhures*, observaram as potencialidades internas de um não absolutismo no sintetismo latino.

Exploremos alguma coisa desse “não sintetismo latino” em Michel Bréal: *Quando uma flexão, seja pela ação das leis fonéticas, seja por alguma outra causa, desaparece, não se segue que ela vai deixar de existir para o espírito.* (1992: 47)

Seria talvez uma possibilidade mnemônica da linguagem, como num exemplo de linguagem não verbal, a qual também é dotada de estruturação gramatical intrínseca, que nos ocorre. Trata-se de uma tradição que persiste entre nós de velar o ente falecido, colocado numa sala com os pés voltados para a saída, porque assim está ao contrário da posição que veio ao mundo: a cabeça em direção a uma saída. Ora, isso é assim por quê? Porque era assim nos velórios da antiga Roma. A nossa memória retém tal comportamento, assim como: *Ela (a flexão = desinência) se mantém para este ainda por longo tempo, graças à tradição, graças também a certas comparações que nossa memória faz instintivamente com construções análogas. Essa sobrevivência da flexão não é uma coisa indiferente, nem sem influência sobre a sintaxe.*

O exemplo de Michel Bréal é curioso. Ele indaga por que é errado dizer em francês: “Vous savez que je vous ai toujours respecté et porté une vive affectio.” Qual seria a restrição? Ele nos afirma que se trata da falta do dativo latino e apresenta a frase com as características gramaticais convenientes: “Vous savez que le respecte et lui porte une vive affection”. A necessidade gramatical de *le* e *lui* se impõe à estrutura paralela de um verbo transitivo direto na primeira oração e indireto na segunda. Embora não ocorra mudança de regência em outras circunstâncias lingüísticas, precisamos, também em português explicitar o objeto direto em forma de pronome: “Je te

remercie et te serre la main.” A tradução literal em português comprova nossa afirmação: *Eu te agradeço e te aperto mão*. Enfim, seja em retalhos, como há de ocorrer em diálogos, seja em proposições oracionais mais plenas, como são os textos paragrafados, o acusativo, o dativo e outras estruturas, preexistentes no latim, se desdobram em português (ou em francês).

Encontramos nesta ótica de Michel Bréal um atalho para falar do dativo latino, mesmo que algum leitor mais filólogo venha a refutar, nos afirmando que o português foi formado eminentemente pela oralidade latina. Já nos antecipamos, afirmando que discurso oral, retalhado pela situação e múltiplos fatores possíveis / cabíveis da economia verbal, porém, recuperados, ou na necessidade de clareza entre interlocutores, ou na exigência expressamente lingüística. Além disso, Plauto, que é uma das fontes de Latim Vulgar, está bastante exemplificado nesta abordagem do dativo. Nos discursos sem interlocução presencial, a construção lingüística se impõe.

Muito interessante também é a observação do Prof. Gladstone. Para demonstrar a força da organização que a analogia impõe, dando disposição de sistema às línguas que, não poucas vezes, ficam à mercê da corrosão da evolução fonética, o Prof. Gladstone exemplifica os efeitos da analogia.

Comenta o referido Professor que as formas lingüísticas estão inseridas num sistema fechado, de natureza social, obrigando a cada indivíduo vivenciá-lo e compartilhá-lo numa interação lingüística *pelo conjunto de fonemas, pelas desinências, pelos tipos de formação nominal e verbal, pela ordem das palavras na frase, pelos processos de relacionamento entre as diversas partes do discurso, pela escolha e emprego das preposições* (1967: 244), tudo isso gerado por um alinhamento na força das oposições, *complexio oppositorum, reunião dos contrários*. Daí, ao exemplo, “A girl flirtava com o sportaman no grill-room”. Eis um espécime lingüístico genuinamente português, embora sejam ingleses os substantivos e verbo. *A frase é portuguesa porque o ‘sistema’ em que ela está construída é português*. (Idem, p. 244)

Tal sistema é garantido pela analogia, que *opera no sentido da uniformidade, da coerência, do nivelamento, do polimento das arestas, do corte de pontas das excrescências*. (Idem, p. 244) E não foi este espaço lingüístico que explorou a lingüística de Chomsky:

Os adeptos do transformacionalismo buscam estabelecer um sistema de regras que representem a capacidade criadora de todo falante nativo, capacidade que lhe permite produzir (ou gerar) e compreender um número infinito de frases (apenas as frases gramaticais da língua), a maioria das quais ele nunca pronunciou ou antes ouviu. Configura-se, assim, um contraste nítido entre a “gramática de listas”, i.e., a gramática constituída por um conjunto de itens recorrentes que se definem explicitamente com base no critério da distribuição, e a “gramática de regras”. A primeira, além de estar associada ao distribucionalismo e à

lingüística taxionômica “bloomfieldiana”, vincula-se à concepção suassuriana da ‘langue’ como objeto estático. A segunda está ligada à corrente transformacional e à concepção humboldtiana da linguagem como ‘energeia’, como atividade criadora. (ROBINS, 1979: 186)

2 – O DATIVO

O dativo (-ivus, -a, -um, associado a radicais verbais, formador de adjetivo) – desse modo, se trata do caso da pessoa ou coisa personificada. É a quem ou a que se dirige, como aproveitamento, o enunciado: *dare panem et circenses populo, dar pão e espetáculos circenses ao povo* (atribuir / referir algo a alguém): ‘hē dotkē ptōsis’, que os gramáticos romanos traduziram por “dativus casus”.

Assim, temos a vantagem ou desvantagem para quem a ação é dirigida (*dativus commodi* ou *incommodi*), como no exemplário (ERNOUT & THOMAS: 1993: 62): Plauto, *Mercator: tibi aras..., tibi seris, tibi...metes, é para ti que trabalhas, para ti que tu semeias, para ti que tu fazes a colheita. Stricto sensu*, o dativo designa o fim em vista do qual uma coisa é feita (*dativus finale*): *auxilio mittere, enviar (algo) ao socorro (de alguém)*.

Adiante aborda-se em Ernout & Thomas (p.63) um dativo de atribuição como complemento indireto do objeto para um verbo transitivo. O complemento direto vem em acusativo: *aliquid do alicui*. Reproduzimos aqui a lista de verbos (em negrito e itálico) destes mesmos Autores (mas os exemplos são tradicionais em dicionários latinos) para dativo: ***dare*** (dar), ***reddere*** (restituir, devolver), ***relinquere***: *mihi turpe relinqui est, para mim, ser deixado para trás é uma vergonha* (deixar para trás, depor), ***concedere*** (ceder o lugar a), ***praestare*** (fornecer a); ***distribuere, diuidere***: *praedam militibus, distribuir / dividir os despojos entre os soldados*; (relatar, contar): ***narrare, respondere, monstrare, ostendere***; (correspondem exatamente aos portugueses) ***negare, probare, suadere***; (prometer): ***polliceri, promitere***; (confiar, emprestar): ***commitere***: *aliquid / aliquem alicui, emprestar algo a alguém* mandare: *alicui aliquid*; ***credere***: *arma militi; confiar armas ao soldado*; ***debere***: *pecuniam alicui, dever dinheiro a alguém*; ***imperare, praecipere, praescribere***: *p. alicui aliquid, ordenar/ prescrever alguma coisa a alguém*); (consagrar, fazer um voto a): ***immolare, sacrare, uouere***: *Herculi quisquam decumam vovit unquam, alguém prometer algum dia a Hércules* dízimo – [Cícero *De Natura Deorum* 3, 88], ***facere*** (*f. ius alicui, fazer justiça para alguém*); ***adimere, eripere, auferre alicui, tirar de / arrebat*** (algo) a alguém...

Se fôssemos seguir a analogia, conforme o Prof. Gladstone e tivéssemos: *dare aliquid alicui*, haveríamos de ter um outro verbo qualquer com o mesmo desempenho sintático em novas possibilidades sintáticas, aliás, como os próprios Autores exemplificam (p.63): *donare rem alicui, dar algo a alguém* (Plauto *Poenulus* 469) e *circundare murum urbi, circundar muro à cidade* (Cícero *Tusculanes* 5, 59).

A complexidade do sistema lingüístico admite, porém, o uso de ablativo de meio, para os verbos *immolare*, *sacrificare* como neste exemplo (e há outros) dos Autores: *deo hostiã, a um deus por meio de uma vítima* (Vergílio *Bucólicas* 3, 77)... Nisso, notamos que a taxionomia nem sempre representa um corte epistemológico na descrição lingüística.

E mais: como poderia um dativo como complemento de verbos intransitivos? *Un datif soit d'attribution, soit d'intérêt (commodi ou incommodi) forme le complément de nombreux verbes intransitifs exprimant [grifo nosso] (sentimento de aprovação, atitude manifesta). E segue uma relação de verbos: alicui (a alguém) nocere (prejudicar), fauere (favorecer); obesse (pôr obstáculo a), obstare (ser obstáculo a) etc.; (fato que se produz ou um estado que existe para alguém / algo): alicui accidit, contingit, euenit (aconteceu a alguém); alicui libet, licet, placet (satisfaz / é permitido / agrada a alguém): Non placet M. Antonio consulatus meus (Cícero *Filípicas* 2, 12); (situação em que se encontra uma pessoa em relação à outra): equitai praesse, estar no comando da cavalaria (estar à frente de), domino seruire, servir ao senhor (ser escravo de), etc. O Prof. Ernesto Faria soube amenizar esta dificuldade: ou como complemento único dos verbos denominados intransitivos relativos (p.349)*

No entanto, é preciso dizer que em latim um complemento não tinha que ser apenas em dativo ou em acusativo e formular uma distinção absoluta de transitividade. O verbo *loqui*, *falar* pede seu complemento em ablativo. Por isso, *loqui latine* se traduz por *falar latim* (e não *falar em latim*). Ou em genitivo, como em *oblivisci suorum*, *esquecer-se dos seus* (Cícero *Tusculanes* 3,3 0)

Mas, no item *Verbes transitifs, intransitifs et pronominaux*, Ernout & Thomas afirmam: *Il n'y a pas entre verbes transitifs et verbes intransitifs une distinctio absolue. Et le passage d'une catégorie à l'autre était fréquent.* (p. 211) É interessante a observação sobre a influência da composição com prefixos nos verbos intransitivos passando a transitivos: *ire*: intransitivo passar na sua forma *adire* (ir para / encontrar): *adire aliquem*; *inire* (in+ire, entrar), por isso, *inire viam / rationem*, *entrar numa estrada / num método*; *loqui*: intransitivo passa *alloqui* (ad+loqui), daí, *alloqui aliquem* – o prevérbio já era usado com acusativo, mas mesmo os que regem ablativo se alinham com o complemento em acusativo: *conuenire aliquem*, *encontrar alguém* (cum rege ablativo); *egredi munitiones*, *transportar as trincheiras* (ex+gradior)

Não apenas os verbos carecem de complemento (= dativo, em negrito nos exemplos), mas também substantivos e adjetivos. Ambos ou formados de uma raiz cognata de um verbo, como os adjetivos: (*aduersarius* < *aduerto*; *credulus* < *credo*; *fidus* < *fido*: *nox arcanis fidissima*, *a noite confidente muito discreta*) ou ideológica (*alicui aequus*, *favorável a alguém*; *contrarius*. Ou como os substantivos: *opulento homini seruitus* (= *seruire alicui*), *ser escravo de homem rico* (Plauto *Amphitruo* 166), *obtemperatio scriptis legibus* (= *obtemperare alicui*), *obediência às leis escritas* (Cícero *De Lege Agraria* 1, 42)

Naquele uso de atribuição o dativo era empregado como aproximação ou reconciliação: *iungere (coniungere) alicui, juntar-se a alguém*. Os advérbios formados de adjetivos deverbais: *congruenter naturae conuenienterque uiuere, viver convenientemente e de acordo com a natureza* (Cícero *De Finibus* 3, 26)

3 – CONCLUSÃO

É preciso termos o cuidado de observar, primeiramente, dois pontos: a regência pode ser circunscrita a uma época, ou seja, ela pode mudar de tempos em tempos; e depois, não há necessidade de condenar alguém, cuja redação de uma frase optou por uma construção em detrimento de outra, como neste passo comenta Aurélio Buarque de Hollanda sobre “visar”: [*Os exemplos de visar, nesta acepç., como transitivo direto, poderiam facilmente ser multiplicados. Não há razão, pois, para condenar esta regência, só admitindo a seguinte (transitivo indireto, quando tem sentido de “almejar”).*]

Em segundo lugar, um sistema lingüístico não é matemático, ou seja, apresenta uma certa relativização, principalmente, no campo sintático-semântico, pode-se escrever em latim: *miscere / commiscere aquam vino, misturar água ao vinho / água e vinho* e, também, *cum vino* (ablativo servindo de complemento) ou a um dativo de fim. Aliás, foi por essa razão que o sintetismo do Latim Clássico, que já não absoluto, cedeu espaço ao uso de preposições, pois estas esboçariam com mais perfeição o pensamento. Desse modo, (p. 65) temos, primeiramente, dativo de aproximação em: *copulare (ligar-se a)* ao lado de, *cum aliquo, com alguém; haerere (estar relacionado a)* ao lado de *ad + acusativo*, ou, poeticamente, ablativo apenas. Assim, escreveu Cícero *Pro Caelio* 75: *In hoc flexu quasi aetatis fama adolescentis paulum haesit ad metas, como se nesta curva da idade sua reputação ficasse pendurada (= estava relacionada ao contorno do marco) no contorno do marco.*

Ainda encontramos no estilo clássico de poetas latinos derivações do dativo de interesse para além da vantagem ou desvantagem proveniente de uma ação verbal. Assim, lemos um dativo de ponto de vista em Catulo 86, 1: *Quintia formosa est multis, Quíncia é formosa para muitos*. Um dativo ético em Plauto *Miles Gloriosus* 5: *ego hanc machaeram mihi colosolari uolo, de minha parte, eu quero consolar esta espada*. Um dativo de posse, em Plauto *Aulularia* 187: *Pol si est animus aequos tibi, sat habes qui bene vitam colas. Por Pólux, se o teu espírito tem (para ti) tranqüilidade, tens o bastante para passares bem*. Comenta também os Autores que a possibilidade *est mihi aliquid* é antiga e utilizada para indicar posse nas línguas indo-européias. Por isso, havia duas construções sintáticas: *est mihi aliquid e habeo (possideo) aliquid*. Em latim, se pode escolher: *militum animos accendere / militibus animos accendere, excitar os espíritos dos soldados / aos soldados*.

Há um dativo agente, quer dizer, ao contrário, dos outros que são alvo da ação. Trata-se do agente da passiva das construções com gerundivo, como em Plauto, *Am-*

phitruo 891: faciendum est mihi illud... quo illaec postulat, é preciso ser feito por mim aquilo... o que ela pede.

A estrutura sintática latina oferece uma experiência ímpar de leitura e torna qualquer leitor diferenciado, embora não se deva acreditar “que muita coisa peculiar à gramática latina tradicional (seja) subjacente a todas as línguas e suscetível de assumir formas várias de expressão”, como o declararam os eruditos de Port-Royal (ROBINS, 1979: 98).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: EDUC, 1992.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J.Ozon, s.d.
- CHARADEAU, P. & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. S. Paulo: Contexto, 2004.
- CHAVES, G.de M. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- COSERIU, Eugenio. *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem: Estudos de História da Lingüística*. Trad. de C. A. da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1980.
- DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de Lingüística*. S.Paulo: Cultrix, 1978.
- ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionaire Étymologique de la Langue Latine - Histoire de Mots*. Paris: Klincksieck, 1985.
- ERNOUT, A. & THOMAS, F. *Syntaxe Latine*. Paris: Klincksieck, 1993.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- NASCENTES, Antenor. *O Problema da Regência*. Rio de Janeiro: Freitas bastos, 1967.
- TRASK. R.L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004